

Douglas Borges Candido
Fabiano Incerti
(Organizadores)



PENSAR O (IM)PENSÁVEL

Ensaaios sobre a pandemia

Anthony Giddens | Cristiane Murray
Peter Burke | Souleymane Bachir Diagne
Vincenzo Susca | Yi-Fu Tuan




PUCPRESS

Douglas Borges Candido
Fabiano Incerti
(Organizadores)



PENSAR O (IM)PENSÁVEL

Ensaio sobre a pandemia

Anthony Giddens | Cristiane Murray
Peter Burke | Souleymane Bachir Diagne
Vincenzo Susca | Yi-Fu Tuan




PUCPRESS

Curitiba
2022

© 2022, Douglas Borges Candido e Fabiano Incerti
2022, PUCPRESS

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa por escrito da Editora.

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

Reitor

Ir. Rogério Renato Mateucci

Vice-Reitor

Vidal Martins

Pró-Reitor de Missão, Identidade e Extensão

Fabiano Incerti

Diretor do Instituto Ciência e Fé

Khalil Gibran Martins Zeraik Abdalla

Gerente de Identidade Institucional

Diogo Marangon Pessotto

Especialista do Instituto Ciência e Fé

Douglas Borges Candido

PUCPRESS

Coordenação

Michele Marcos de Oliveira

Edição

Susan Cristine Trevisani dos Reis

Edição de arte

Rafael Matta Carnasciali

Preparação de texto

Juliana Almeida Colpani Ferezin

Revisão

Juliana Sant'Ana

Capa

Rafael da Matta Hasselmann

Projeto gráfico

Rafael Matta Carnasciali

Diagramação

Rafael da Matta Hasselmann

Impressão

Gráfica Capital

Imagem de capa e miolo

PUCPRESS / Editora Universitária Champagnat

Rua Imaculada Conceição, 1155 - Prédio da Administração - 6º andar

Campus Curitiba - CEP 80215-901 - Curitiba / PR

Tel. +55 (41) 3271-1701 | pucpress@pucpr.br

Dados da Catalogação na Publicação

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR

Biblioteca Central

Luci Eduarda Wielganczuk – CRB 9/1118

T374
2022

Pensar o (im)pensável : ensaios sobre a pandemia / organizadores: Douglas Borges Candido, Fabiano Incerti. – Curitiba : PUCPRESS, 2022.
97 p. ; 23 cm

ISBN: 978-65-5385-013-2

ISBN: 978-65-5385-017-0 (e-book)

Inclui bibliografias

1. Ciência – Discursos, ensaios, conferências. 2. Filosofia – Discursos, ensaios, conferências. 3. Dignidade – Discursos, ensaios, conferências. 4. Pandemias – Discursos, ensaios, conferências. 5. Covid-19 – Discursos, ensaios, conferências. I. Candido, Douglas Borges. II. Incerti, Fabiano

SUMÁRIO

Prefácio 5

Entrevistas

Anthony Giddens 15

Souleymane Bachir Diagne 37

Peter Burke 57

Cristiane Murray 65

Yi-Fu Tuan 73

Vincenzo Susca 81

Ensaaios

Pensamentos e pitacos sobre as
entrevistas do Pensar o (im)pensável..... 97
Fabiano Incerti

Em defesa da Ciência: uma
reflexão inspirada em Karl Popper.....111
Douglas Borges Candido

Pensar o (im)pensável: a dignidade
como direito da humanidade.....123
Ana Maria Eyng

A humanidade e suas encruzilhadas137
Carlos Frederico Marés de Souza Filho

Palavras desacostumadas,
vidas desinventadas..... 151
Thayná de Castro Saczuk

Posfácio169
Marcial Maçaneiro



PREFÁCIO

O carnaval que se iniciou em 1º de março de 1919 é lembrado até hoje como um dos maiores carnavais da história do Brasil, definido como o “Carnaval Triunfante” nos jornais da época. A revista humorística *Careta*, que circulou entre 1908 e 1960, trouxe uma foto que se tornou famosa, a de um carro alegórico sob a forma de chaleira, com a frase “chá da meia noite”. Boatos nunca comprovados diziam que enfermeiros de hospitais serviam um suposto chá da meia-noite para acelerar a morte dos doentes acamados durante a epidemia da Gripe Espanhola.

Comemorava-se a volta de uma festa suspensa nos três anos anteriores (duas por chuvas torrenciais e uma pela guerra, em 1918) mas, o que muitos tentavam esquecer eram os 35 mil mortos da gripe espanhola no Brasil e os cerca de 50 milhões de pessoas no mundo. Estima-se que 400 mil pessoas foram ao centro do Rio de Janeiro dançar e cantar como se não houvesse o amanhã e mais, como se no ontem nada tivesse acontecido. Quando este prefácio está sendo escrito contabilizamos cerca de 6,4 milhões de mortes no mundo e

mais de 670 mil mortos no Brasil, ou seja mais de 10% em nosso país.

Penso o livro *Pensar o (im)pensável: ensaios sobre a pandemia* como uma reflexão que se nega a achar que tudo deva “se acabar na 4ª feira”. Isso, às vezes, pode soar como um melancólico grito de “E agora, José?” drummo-niano, desesperados em meio à luz apagada ou um “*Quo vadis Pedro*” de alguém em fuga do terror e da morte que está em todo lado, inclusive dentro de nós. Não, *Pensar o (im)pensável* nos propõe o não esquecimento como palavra de ordem, mas também a reflexão sobre o que faremos de tudo que se fez e que fizeram com a gente? Aos que sobreviveram ao impensável, que um mandamento platônico lhes seja fundamental e neste momento eticamente obrigatório: “Uma vida não questionada não merece ser vivida”.

No primeiro capítulo, o sociólogo britânico Anthony Giddens, provavelmente o mais importante filósofo social inglês contemporâneo e teórico da “Terceira via”, usa o termo “viver fora do limite da história, onde uma pandemia como a atual nunca foi enfrentada pela humanidade entre outras razões pelo papel da revolução digital e conexão global”. Giddens nos surpreende ao oferecer uma visão mais otimista do que conseguimos ter, acreditando no declínio do modelo neoliberal mundial; numa nova agenda verde, como maior preocupação com as mudanças climáticas; na reconstrução dos serviços médicos e, por fim, apostando num “Estado mais justo”. Num país onde verbas de educação e saúde pública

são sistematicamente reduzidas; onde ocorre um crescimento desenfreado do desmatamento (Giddens faz referência à Amazônia) fortemente vinculado ao poder do agronegócio e um modelo econômico pouco preocupado com as questões sociais, recebo a entrevista de Giddens com um olho na esperança e outro no pessimismo.

No início da pandemia recebi vários convites para falar de uma nova humanidade, um novo homem que poderia surgir depois da pandemia, um homem mais empático, compassivo, talvez uma humanidade mais generosa e fraterna. Nunca acreditei nisso, a leitura, mesmo que pouco atenta, às atitudes humanas desde no mínimo a Peste de Atenas, cinco séculos A.C., mostram que não há nada mais estável do que a ganância humana.

No segundo capítulo, o filósofo Souleymane Bachir Diagne, professor dos departamentos de filosofia e de francês da Columbia University (EUA) e produtor de uma imensa obra sobre as tradições filosóficas e culturais da África e do mundo islâmico, defensor do pan-africanismo e de um mundo único, lamenta que a pandemia não tenha levado a Humanidade para uma maior cooperação. Mas, tristemente admite, pelo contrário, que caminhamos para um mundo ainda mais fragmentado e que o nacionalismo, o racismo, o fechamento de fronteiras e o populismo parecem ter saído fortalecidos de uma humanidade em escombros.

Porém, a partir desta brilhante entrevista quem sabe possamos sonhar (termo que o entrevistado usa), com um ser humano misto de Heráclito, africano e existencialista, que tem

em sua essência a mudança, o vir-a-ser, o vir a se tornar, em busca do *ubuntu*, palavra sul-africana que significa, resumidamente, atingir a nossa humanidade em conjunto.

A terceira entrevista é com o historiador inglês Peter Burke, que mantém laços importantes com o Brasil: afetivos (casado com a historiadora brasileira Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke), professor visitante do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (1994-1995), grande conhecedor de Gilberto Freyre e autor de mais de 30 livros, muitos deles relacionados ao país. Meu primeiro contato com a impressionante obra do autor data de quase 20 anos quando li, com enorme prazer, “A História Social da Linguagem”, organizado por ele e por Roy Porter, professor de História Social da Medicina, em Londres. Embora o livro seja belíssimo, a motivação era triste, pois na época eu preparava um necrológico de Roy Porter, um ano após a morte dele, pela sua importância na pesquisa da história da Psiquiatria e que foi publicado na Revista Brasileira de Psiquiatria, em 2003. O mundo digital, a nova normalidade, o aforisma de Santayana (Quem não recorda o passado está condenado a repeti-lo), as *fake news* não tão *news* como imaginamos e o papel da Universidade fazem desta pequena entrevista uma preciosidade.

Chamou-me a atenção que o Prof. Burke define o indivíduo que acredita em *fake news* como o crédulo, o ingênuo, que deveria ser ensinado a ser crítico e procurar checar as notícias em fontes confiáveis. O dicionário Merriam-Webster define “*credulous*” (termo que o entrevistado

usou originalmente) como “O *cred* em crédulo vem do latim *credere*, que significa “acreditar” ou “confiar”. *Credulous* “descreve pessoas que seriam sábias se fossem um pouco mais céticas, ou coisas que deveriam ser abordadas com algum ceticismo”; o mesmo dicionário define “*ingenuous*” (outro termo usado no original) como “ato de mostrar simplicidade e franqueza inocentes ou infantis”. Mas, nesses mais de dois anos imersos na pandemia, sem precisar fazer análises psiquiátricas aprofundadas, posso dizer que é possível que uma parte das pessoas que acredita em *fake news* possa sim ser definida como “um ingênuo” em sua candura, mas há muitos outros tipos humanos neste grupo.

Caso contrário, por que muitos desses “*naifs*” expostos à todas as evidências científicas por profissionais de reputação continuam repetindo tolices? Não é escopo deste prefácio desenhar uma caracterologia dos crentes em *fake news*, mas eu incluiria os mal-intencionados e um tipo de estúpido que sofre de uma doença rara e presunçosa, que não tem cura, uma certa soberba, convencido de que é o único caolho num mundo de cegos.

A quarta entrevista ocorre com a jornalista e Vice-Diretora da Sala de Imprensa da Santa Sé, Cristiane Murray. Interessante notar que a questão das *fake news* está presente nas preocupações de todos os entrevistados. Faz-se também um justo destaque à encíclica *Fratelli Tutti*, publicada pelo Papa Francisco, em 4 de outubro de 2020. Usando palavras de São Francisco, não por acaso ela foi assinada em Assis, Francisco exorta a abrir

caminhos de fraternidade, a “ir além das distâncias devidas à origem, nacionalidade, cor ou religião”, tal qual São Francisco, entre setembro e dezembro de 1219, quando conheceu o Sultão Malik-al-Kamil, no Egito.

A quinta entrevista é com o geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan. Este autor se tornou mundialmente famoso em 1974, quando publicou um dos mais importantes livros para o que se chamou de geografia humanista, intitulado *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Na entrevista, Tuan deixa claro a diferença entre a “geografia humana” e a sua “geografia humanista”, já sugerida pela palavra grega *topofilia*, pois “topus” significa “lugar”, enquanto “filo” significa “amor, amizade, afinidade”. A geografia humanista se dispõe a ir além das questões econômicas, topográficas, e introduz as questões ligadas ao afeto e a relação moral com a natureza.

A sexta entrevista traz o sociólogo Vincenzo Susca, professor associado de Sociologia Imaginária na Universidade de Paul-Valéry³. Tornou-se razoavelmente conhecida a sua afirmação quando, em outubro de 2019, numa aula no Brasil, portanto antes da pandemia, citava Nietzsche: “É preciso saber viver em decadência. Eu venho de um lugar que está em decadência há 1.500 anos”. Nesta entrevista, ele retoma o tema afirmando que devemos aprender a viver em um mundo marcado pelo nosso declínio e decadência. Um de seus livros mais conhecidos e disponível no Brasil é *As afinidades conectivas: para compreender a cultura digital*

(2019), parodiando o escritor alemão Goethe e o seu *Afinidades Eletivas*. Aqui talvez coubesse um outro tipo caracterológico dos que creem em *fake news*, aqueles que querem crer mais em suas afinidades conectivas — os que partilham conosco na rede emoções, estilos de vida, gostos e paixões — do que em profissionais da grande mídia. Não tenho como não lembrar Brecht, a cadela do fascismo está sempre no cio dentro de muitos de nós à espera que algo que venha na rede me engravide.

A seguir, Fabiano Incerti faz um belíssimo e profundo apanhado das diferentes entrevistas, de suas proximidades e diferenças, com muito mais maestria do que este prefaciador foi capaz de fazer. Douglas Borges Candido traz, no capítulo seguinte “Em defesa da ciência”, a lembrança de um dos maiores pensadores que marcou minha história acadêmica (e ainda marca) pelo seu rigor em defesa da ciência e por diferenciar o que é ciência do que não é, para além das ideias anteriores de indução e dedução. Citando dois dos mais importantes livros de Popper “*A lógica da pesquisa científica*” e “*Conjecturas e refutações*”, Douglas faz uma enérgica e bem embasada defesa da ciência, num país que enfrentou e ainda enfrenta “os vendilhões do templo” que comercializam fé, verdades e inverdades e até vidas humanas.

Termino este longo prefácio – maior do que alguém leria – recomendando os artigos de Ana Maria Eyng, em sua brilhante defesa da dignidade como um direito da humanidade; de Carlos Marés, deixando mais uma vez claro que este

arranjo social não é natural e que a malfadada frase de Margareth Thatcher, de que “Não existe essa coisa de sociedade. Existem indivíduos, homens e mulheres, e existem as famílias”, mereceria a lata do lixo da história. A seguir, indico a leitura atenta do belo texto de Thayná de Castro Saczuk, que consegue unir Étienne de La Boétie em seu *Discurso da Servidão Voluntária*, com o lirismo de Manoel de Barros num texto de rara profundidade teórica. Para quase terminar em consonância com o início deste prefácio de que “Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia”.

Por fim, mas não menos importante, o posfácio de Marcial Maçaneiro, que começa na minha terra paterna e materna aos pés do monte Olimpo, revisita os entrevistados deste livro magnífico e termina clamando pela superação das desigualdades sociais, por priorizar populações vulneráveis, e pelo urgente investimento em saúde, educação e energia limpa.

Táki Athanássios Cordás

Coordenador da Assistência Clínica do Instituto de Psiquiatria do HCFMUSP.

Coordenador do Programa de Transtornos Alimentares (AMBULIM) do IPQ-HCFMUSP.

Professor dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Psiquiatria da USP, do Programa de Neurociências e Comportamento do Instituto de Psicologia da USP e do Programa de Fisiopatologia Experimental da FMUSP.

Autor de *História da melancolia*.



